

VISÃO DO CORREIO

Dorothy Stang e a lei na Amazônia

Neste 12 de fevereiro último, completaram-se 19 anos de um crime brutal na Amazônia. A missionária norte-americana Dorothy Stang, integrante da Comissão da Pastoral da Terra, foi executada com seis tiros em Anapi, no Pará, quando rumava para um encontro com agricultores da região. Naquele ano de 2005, a religiosa foi vítima da intensa disputa de terras que se alastrava pelo território amazônico. Coincidentemente, Luiz Inácio Lula da Silva era o presidente da República quando ocorreu esse episódio. De lá para cá, a situação da Amazônia complicou-se ainda mais.

Nas duas últimas décadas, a miríade de ações criminosas nesse bioma vital para o Brasil se expandiu exponencialmente. Se antes tinha vulto a ação isolada de grileiros, de desmatadores e do garimpo ilegal, em 2024 o crime organizado se apropriou do território amazônico e comanda um extenso rol de atividades ilícitas, que vão do transporte de drogas e madeira a homicídios em série. Estudo recente do Fórum Brasileiro de Segurança Pública indica que 59% da população residente na Amazônia Legal, área que compreende nove estados da Federação, estão sob o jugo do crime organizado. É na Amazônia Legal também que se localiza o estado mais violento do Brasil. Com uma taxa de homicídio duas vezes acima da média nacional, o Amapá está à frente da Bahia e do Amazonas.

De volta ao Palácio do Planalto após quase 20 anos do assassinato de Dorothy Stang, o presidente Lula procurou traduzir em palavras o desafio que se coloca ante as autoridades brasileiras. "O crime organizado hoje não é uma coisa fácil de combater, porque o crime organizado

virou uma grande indústria multinacional, maior que a General Motors, maior que a Volkswagen, maior que a Petrobras. É uma coisa muito poderosa", comentou, na posse do ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, há duas semanas.

O enfrentamento da criminalidade em geral e na Amazônia em particular exige, como salientou o novo titular da pasta da Justiça, uma ação coordenada entre União, estados e municípios. Essa ação passa não apenas por questões específicas de segurança pública, mas se estende pelo campo socioambiental. A sustentabilidade da Amazônia está intrinsecamente ligada à preservação do patrimônio ecológico ainda existente no território, e a proteção à população que historicamente vive na região. É nesse sentido que a missão de Dorothy Stang ganha relevância, passadas duas décadas da morte da missionária.

Trata-se, sobretudo, de um trabalho de resistência. Não por acaso, a Comissão Episcopal para a Amazônia lembrou os 19 anos do martírio infligido à religiosa com a citação a um poema de Pedro Casaldáliga, um dos fundadores da Comissão Pastoral da Terra: "Eu morrei de pé como as árvores. Me matarão de pé". Essa atitude corajosa em defesa dos desfavorecidos na violenta realidade amazônica se junta à trajetória de outros atores, como Chico Mendes, Bruno Pereira e Dom Phillips — isso sem citar as diversas lideranças indígenas.

Segundo os partidários da causa humanitária de Dorothy Stang, o corpo da missionária não foi enterrado; foi plantado. Sua vida dedicada às populações excluídas da guerra fundiária fertiliza a esperança de que, um dia, o Estado brasileiro será capaz de garantir que a justiça também se faça presente na Amazônia.



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Da Aruc a bloquinhos

Segundo pioneiros, quem trouxe o carnaval para Brasília foram servidores públicos lotados na Imprensa Nacional, que se instalaram no bairro do Gavião, hoje Cruzeiro Velho. Não por acaso, ali, surgiu a Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro, que teve como referência e madrinha a Portela, além de tomar o azul da tradicionalíssima escola de samba carioca como cor do seu pavilhão.

Para não esquecer, quando, há três semanas, estive no Rio de Janeiro, assisti no Vivo Rio, casa de espetáculos, anexo do Museu de Arte Moderna, o show comemorativo dos 100 anos da agremiação de Madureira. Foi bonito ver a apresentação da bateria, formada por grandes percussionistas, e da Velha Guarda, liderada por Tia Surica.

Campeoníssima da folia do DF, a Aruc — como a escola se tornou conhecida —, para manter a tradição, realizou desfile pelo bairro, na tarde do último sábado. Segundo Hélio dos Santos, nome histórico da agremiação, fui eu quem, pela primeira vez, usei essa abreviação, em matéria no **Correio**.

Voltando ao assunto principal deste artigo, nos primeiros anos do carnaval de rua na capital se concentrava em área próxima à Estação Rodoviária. Além disso, havia bailes fechados em clubes como Iate Clube, Minas Brasília, AAB e Unidade de Vizinhança.

Quer dizer, algo bem diferente do que vem ocorrendo atualmente. Embora essas associações continuem promovendo a festa de Momo, hoje, a folia se espalha por espaços como Museu Nacional da República, Setor Bancário Sul, Arena Mané Garrincha, Eixo Cultural

Ibero-Americano e Praça do Cruzeiro.

Nesses locais há a apresentação de artistas locais e nacionais e de uma grande variedade de blocos como Amor em Rosa, As Leis de Gaga, Barato Total, Bora Coisar, Carnajazz, Divinas Tetas, Eduardo e Mônica, Batatinha, Esta Boquinha eu Já Beije, Maria Vai Casoutas, Raparigueiros, Reconvexa, Tá Chic Tá Bacana, Vamos Fullgil e Vassourinha de Brasília, Ventoinha de Canudo.

São nomes — alguns deles — que fazem alusão a personagens da MPB, da importância de Noel Rosa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Legião Urbana; e à diversidade de estilos, expressada com mais relevância durante o carnaval.

Obviamente, não posso esquecer do emblemático Pacotão, formado por jornalistas, entre os quais me incluo. Como sempre ocorre, no desfile de hoje, a partir das 14h, o bloco fará percurso entre a quadra 302/303 Norte e a 508 Sul, embalado por um discurso político intitulado *ET Ladrão de joias*.

Um trecho da letra diz: "Brasília virou um formigueiro/ No dia 8 de janeiro/ Todos ratos, carrapatos e viúvas/ Saíram dos porões da ditadura/ A Esplanada ficou um pandemônio / e o demo estava solto no terreiro...". Obviamente, o verso faz alusão à tentativa de golpe ocorrida em 2023.

Com programação extensa e variada, não faltam lugares e eventos para que os amantes da farra carnavalesca possam extravasar a energia, acompanhando blocos e grupos musicais em vários pontos da cidade neste último dia de folia. E que aproveitem bastante, pois, como dizia a letra de uma antiga marchinha, "é hoje só, amanhã não tem mais!"



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Bolsonaro x Caiado

O governador de Goiás, Ronaldo Caiado, provável postulante à sucessão do presidente Lula, em 2026, teve a sua pretensão de filiação ao PL vetada pelo ex-presidente Jair Bolsonaro. Hoje, segundo algumas sondagens da opinião pública, ele tem aprovação de 80% dos eleitores de Goiás. Durante a pandemia de covid-19 — praga que voltou a assustar as autoridades sanitárias, Caiado se opôs à campanha antivacina promovida por Bolsonaro. Como médico, neurocirurgião, não se poderia esperar outro comportamento do governador de Goiás. Talvez esse alinhamento com a ciência o tenha tornado persona non grata pelo capitão. Eu não votaria em Caiado, lembrando do seu comportamento na liderança da União Democrática Ruralista (UDR) durante a Assembleia Constituinte de 1987, radicalmente contrário à reforma agrária. Mas reconheço que ninguém teria uma aprovação popular tão alta se fosse péssimo gestor, o que fica provado ante a resistência de Bolsonaro ao seu ingresso no PL. Caiado seria um oponente inteligente aos interesses do ex-presidente.

» **Wilson Cosme**
Asa Sul

Fernando Collor

É peculiar, mas é de seu direito, o ministro Dias Toffoli do Supremo Tribunal Federal (STF) pedir vistas em processos. Dessa vez suspendeu o julgamento de um processo do ex-senador Fernando Collor, após o ministro Alexandre de Moraes dar o início ao julgamento em 9/2. Collor foi condenado, em maio do ano passado, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro e recebeu dosimetria de pena fixada em 8 anos e 10 meses. À época, como ainda cabia recurso, Collor não foi preso. Esse caso é um dos últimos desdobramentos da Lava-Jato, envolve a BR Distribuidora, subsidiária da Petrobras. Em 2015, Collor foi denunciado pela Procuradoria-Geral da República (PGR) sob acusação de receber R\$ 26 milhões em propinas entre 2010 e 2014 para viabilizar, por meio de indicações políticas, um contrato de troca de bandeira de postos de combustível. Com esse pedido de vistas, o ministro Toffoli tem até 90 dias para devolver o caso para julgamento. Será que esse julgamento pode terminar com a prisão do ex-senador Collor? Em tempo: como será que estão os carros importados de luxo de propriedade de Collor, apreendidos por determinação do falecido ministro Teori Zavascki, do STF; e que autorizou o ex-senador ser "fiel depositário" dos veículos na Casa da Dinda. Na ocasião os carros

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Troca-se repelente de mosquito por passagem aérea.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Rotina golpista: de acordo com o advogado de Bolsonaro, era uma reunião "arrota asneira".

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Brasilienses têm problemas. Um grupo da nata local aplaudiu o general Heleno, quando ele fazia compras em um mercadinho na Asa Norte.

Ivanilda Patrocínio — Asa Norte

É vergonhoso para o país pentacampeão mundial de futebol ficar fora, nessa modalidade, das Olimpíadas de Paris.

Paulo Molina Prates — Asa Norte

Saidão de criminosos para curtirem o carnaval é a colaboração do poder público ao aumento da criminalidade. Parabéns às autoridades brasileiras.

Henrique Mário Duarte — Park Way

ERRAMOS

Diferentemente do que foi publicado na Crônica da Cidade (11/2/2024), intitulada Na trilha do Pacotão, o autor da marchinha *ET Ladrão de joias* é José Edmar Gomes e não Alex Paz. Alex é o autor dos arranjos da canção.

apreendidos somavam um valor total de R\$ 5 milhões.

» **Renato Mendes Prestes**
Águas Claras

Equídeos

O bolsonarismo é um movimento com forte vocação terrorista. Prova disso foi o 8 de janeiro de 2023, quando uma horda de bandidos e vândalos destruiu as sedes dos Três Poderes. Mas tanto na ocupação da Esplanada dos Três Poderes e nas reuniões reservadas, quanto na ministerial para tratar do golpe de Estado, exibido à opinião pública na semana passada, constata-se que os eleitores cometeram um enorme erro histórico ao eleger o capitão para governar o Brasil. Os experts do poder gravaram e seus seguidores fotografaram o assalto aos Poderes republicanos. Exibiram-se, como se fossem os heróis de um ato criminoso. Produziram provas indisputáveis contra eles. Deixaram digitais por onde passaram. Não se pode dizer que foram atos de amadores, mas, sim, de burrice extrema — desculpem-me os equídeos. Onde se viu assaltante de banco filmar sem máscaras e luvas o crime que comete? Os aliados dizem que as ações da Polícia Federal e do Judiciário são perseguições. Estão, como seus idolatrados, muitíssimos equivocados. Os bolsonaristas de plantão fizeram tudo para facilitar a própria prisão. Sejamos justos.

» **Joaquim Gomes Silveira**
Taguatinga

O que falta?

Por muito pouco a Justiça brasileira mandou prender várias autoridades envolvidas em falcaturas contra o Estado brasileiro. Exemplo: a prisão do ex-presidente Michel Temer, feita pela a Polícia Federal (PF), no meio da rua. Está claro que as evidências levam à certeza de que foi do ex-presidente Bolsonaro a ordem e o comando aos seus assessores, militares e civis, para colocar em prática a tentativa do golpe frustrado contra o Estado de Direito. As evidências foram dadas com a delação premiada do tenente-coronel Mauro Cid, ajudante de ordens do então presidente, sem falar nas investigações da polícia Federal. A pergunta que não quer calar: o que a Justiça está esperando para decretar a prisão do mandante do golpe contra o Estado de Direito?

» **Evanildo Sales**
Gama

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00
-------	----------	----------

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varella, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1588.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br